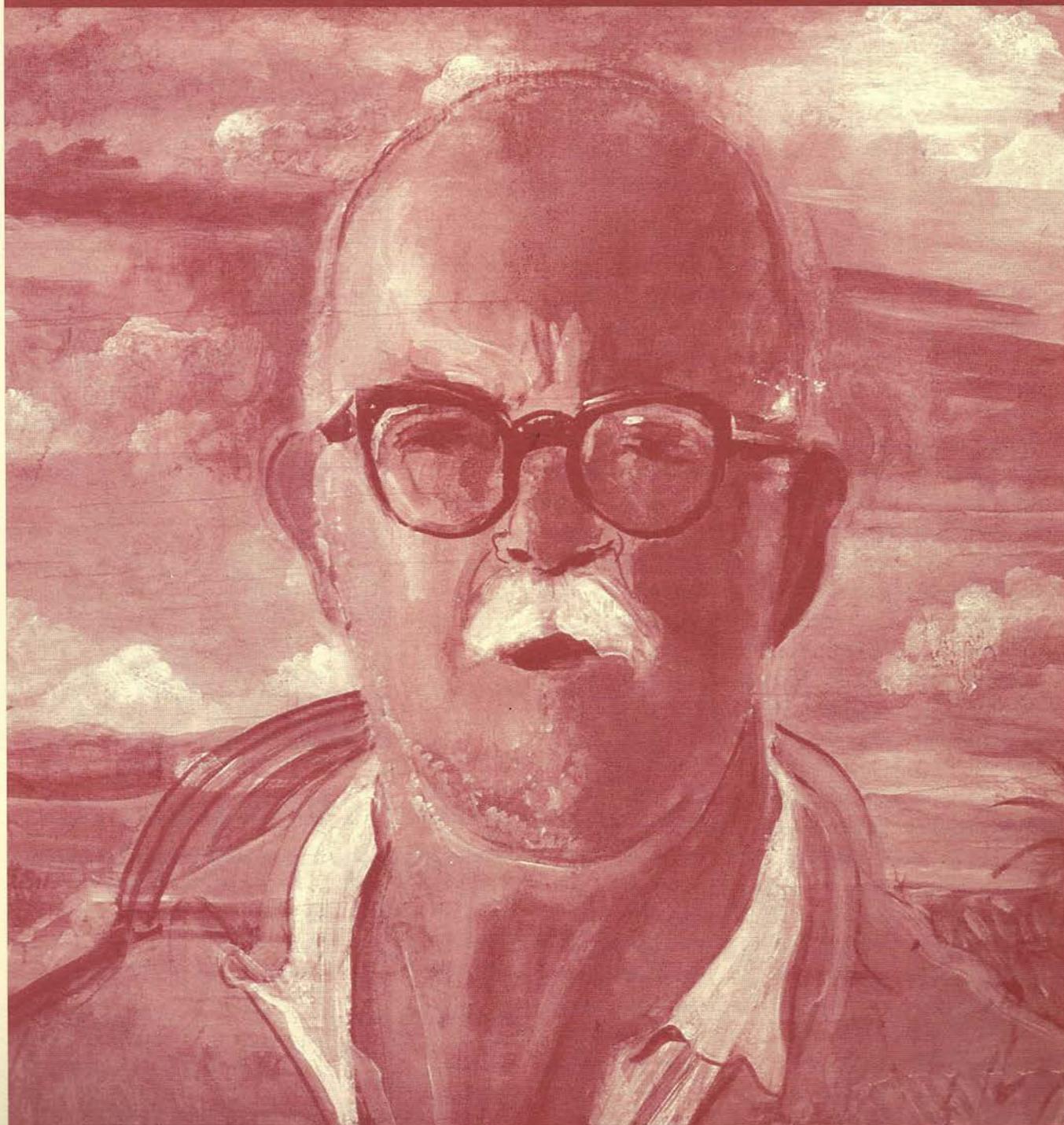




isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO II • Nº 5 • 2000



Guignard

O gênio que Minas Gerais importou

editorial

Alberto da Veiga Guignard foi desses artistas que, pela dificuldade de se inserir no panorama de sua época, teve que aguardar anos até ser amplamente consagrado e acabou pagando caro pela recusa em aceitar o figurino do dia. O meio artístico brasileiro mais consciente não ficou alheio à força do novo criador que chegava da Europa excepcionalmente bem armado sob o ponto de vista técnico, senhor de uma linguagem forte e diferenciada. Recebeu prêmio em salão e conseguiu se ligar a alguns artistas importantes, mas ficou sempre no seu lugar, desfocado com relação à emoção maior que dominava a cena.

O Modernismo que nascera com a Semana de Arte de 1922 vinha completando, com vigor, a curva do seu prestígio. Depois de ter patrocinado a experiência descobridora e totêmica de Tarsila Amaral, fizera de Cândido Portinari o seu representante oficial, principalmente naquela hora em que as manifestações de apelo social logravam audiência aqui como em todo o mundo. O modelo maior do mestre de Brodowski balizava o caminho pelo qual se enveredavam artistas menores. Guignard, que continuava fiel ao desenvolvimento da sua própria personalidade, ficou marginalizado e teve que se refugiar na província de exílio, Minas Gerais. Prova irrefutável de que a emoção estética vigente o desfavorecia surgiu com o caso de um comprador que, arrependido da obra que tinha nas mãos, fazia troca dela, com Portinari, por um quadro desse.

A provação sofrida por Alberto da Veiga Guignard entre nós foi a mais cruel. O artista acabado e de grande dimensão - sombra projetada desproporcional numa paisagem de grande carência, ainda às voltas com um academismo de baixa extração - procurou se refugiar na convivência de alunos para tentar vencer a solidão. E o álcool acabou sendo o vício a que se entregou de forma imoderada. Suas produções simplesmente não se vendiam e, na fase em que teve que enfrentar problemas de saúde, se veria obrigado a aceitar proteção em residências de amigos, numa condição que não deixava de ter o seu lado humilhante, apesar de toda a consideração que lhe pudesse ser dispensada.

Agora, passados tantos anos da sua morte, Alberto da Veiga Guignard dá a volta por cima e está sendo reconhecido como um dos maiores criadores de todos os tempos no Brasil. Um vaso de flores por ele pintado alcançou preço estonteante em leilão internacional e uma grande exposição retrospectiva de seus trabalhos, depois de atrair público numeroso no Rio e em São Paulo, repete o mesmo fenômeno em Belo Horizonte. Ele encontrou afinal o seu momento. Conseguiu a ampla repercussão que lhe faltava e o seu perfil de criador começa a ser recomposto na sua integridade. Ninguém duvida mais, o artista formado no contato com expressionistas e surrealistas descobertos ao tempo da sua aventura européia, desde sempre fez uso de uma linguagem que é, indiscutivelmente, das mais significativas do nosso tempo.

Capa:

ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

Auto-retrato

Óleo sobre madeira • 1961

37 x 45 cm

Col. Gilberto Chateaubriand • MAM • RJ

isto é inconfidência

ANO II • Nº 5 • 2000

é uma publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais

Fone fax 31 3551 1121 e 3551 5233

museuinc@ouropreto.feop.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

Trimestral - julho/set/2000

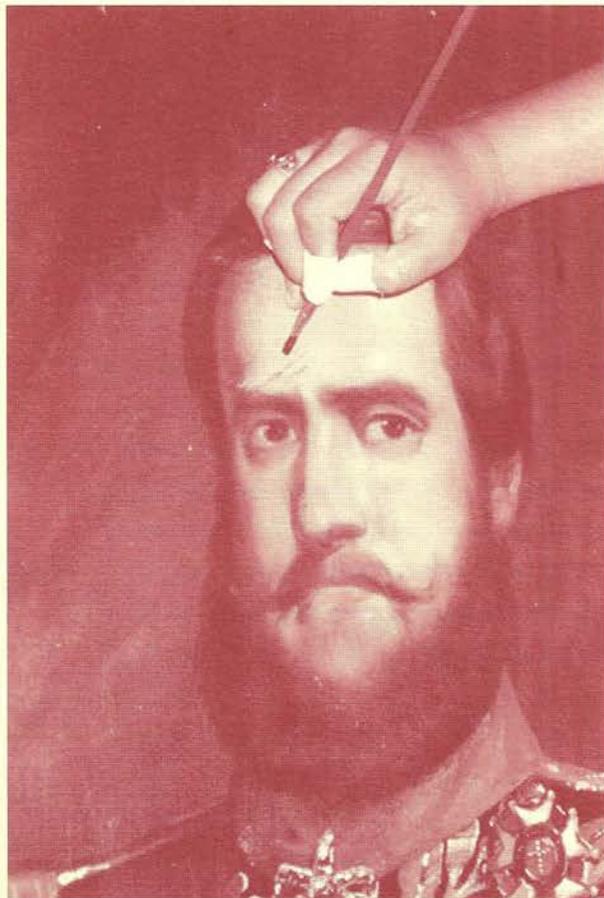
Projeto Gráfico

Lais Freire dos Reis

Editor

Rui Mourão

D. Pedro II e Dona Teresa Cristina



D. PEDRO II sendo restaurado

Com o atelier próprio trabalhando no limite da sua capacidade e vendo-se às voltas com o projeto da reformulação da sua exposição permanente, o Museu da Inconfidência foi buscar a ajuda do Grupo Oficina de Restauo para cuidar de duas telas de grande porte - D. Pedro II e Da. Teresa Cristina - que deverão figurar na futura Sala do Império.

Do estilo realista da pintura neoclássica chegada com a Missão Artística Francesa de 1816, as telas de autoria de François René Moreaux - que pertenceu a posterior leva de imigrantes, pois ele aqui só aportou em 1830 - foram furadas e rasgadas por baionetas republicanas triunfantes sobre a monarquia derrotada. Elas já haviam passado por res-

tauração à época da inauguração do Museu, mas se encontravam em precário estado devido ao envelhecimento dos materiais e à limitação dos recursos técnicos então empregados.

Agora, reenteladas e reintegradas a partir de técnicas mais desenvolvidas e materiais específicos para restauração, as obras se encontram revertidas à sua integridade física. Para a definição do adesivo a empregar no reentelamento, fez-se pesquisa a partir de relatos de outros profissionais que removeram e substituíram a cera da abelha nas mesmas condições. Empregou-se o metacrilato, conhecido como Primal B 60. O suporte que se preparou, de puro linho, precisou ser especialmente encomendado, devido a suas grandes dimensões.

A reintegração cromática obedeceu ao critério de intervenção mínima, com retoque só das áreas de perdas, à base de pigmento e verniz Paraloid B-72. Rígido cuidado foi observado para não mascarar a pincelada do artista e, ao mesmo tempo, unificar a leitura da obra. O verniz de proteção, o Paraloid B-72 diluído em xilol, foi aplicado por aspensão em camadas homogêneas.

A grande novidade acabou sendo a introdução do chassi com sistema de molas, usado em primeira mão na Espanha, no restauro da tela Guernica, de Picasso.

Auditório

OUTUBRO

Festival de Músicas de Todos os Tempos.

3 a 10 de outubro.

Vídeos de musicais e documentários de cantores famosos. De terça a quinta-feira, às 19h30.

NOVEMBRO

Mostra de curtas.

Programação a confirmar.

Documentários sobre a Festa do Divino, em complemento da exposição da Sala Manoel da Costa Athaide.

Sala Manoel da Costa Athaide

SOLANGE PESSOA

Escultura e Instalação.

6 de outubro a 5 de novembro.

Proposta que extrapola a sala de exposições temporárias se estendendo ao pátio interno da Casa do Pilar. A idéia é a "revitalização" da área, criando um lugar sensível e orgânico.

O espaço tratado como sentido, como situação estética. Para tanto, a artista utiliza diferentes materiais.

Inauguração: Casa do Pilar (pátio interno) - 15:00 horas
Sala Athaide - 20h30

DIVINO

24 de novembro
a 7 de janeiro de 2001.

Exposição de coleção particular, com múltiplas representações do Divino Espírito Santo, esculturas de caráter popular. O acervo abrange objetos da Festa do Divino, promoção que acontece a cada ano em Diamantina, Parati, Lavras Novas, Alcântara, entre outros locais.

O gênio que Minas

Natural de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, Alberto da Veiga Guignard teria a sua formação realizada na Europa, devido ao segundo casamento de sua mãe com um alemão. Seus estudos de pintura incluíram dez anos de rigoroso disciplinamento acadêmico, cumprido em Munique. Foi a partir de 1925, depois de se interessar pelo expressionismo e o surrealismo, que viria abraçar o modernismo, caminho que lhe possibilitou a verdadeira libertação.

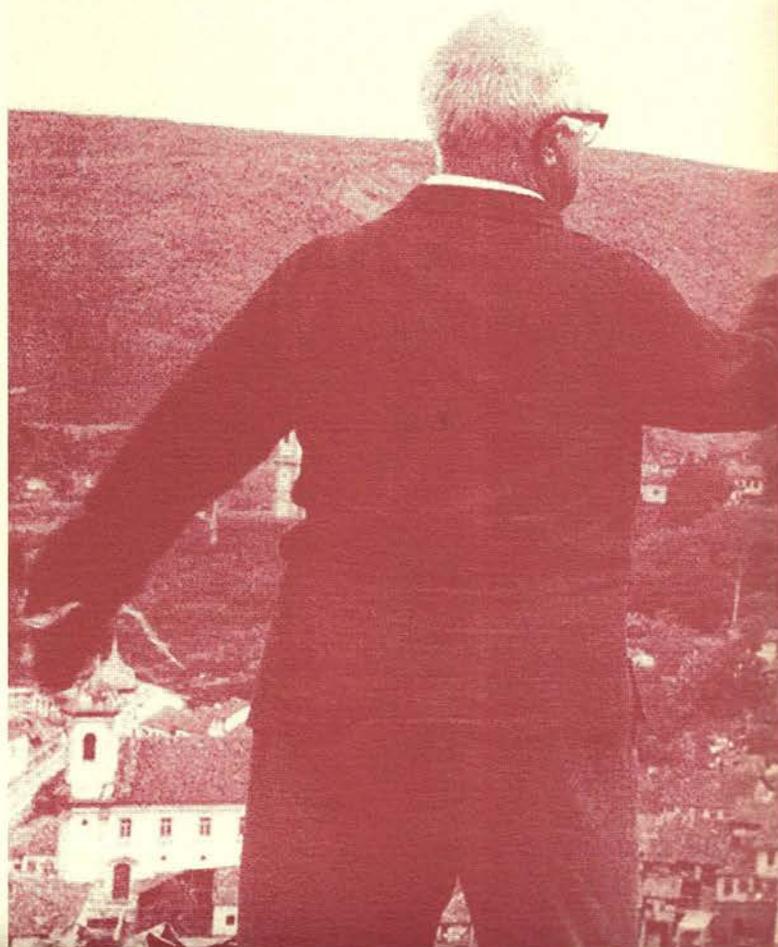
Quando, aos trinta e três anos de idade, Guignard voltou a se estabelecer em caráter definitivo no Brasil, sua sensibilidade, curtida por tantos anos de Europa, sofreria o impacto da redescoberta da intensa luminosidade característica do espaço brasileiro. Ao mesmo tempo, o artista ficaria desfavoravelmente surpreso com a indigência técnica local. A grande destreza artesanal adquirida ao contato com o rigor do profissionalismo germânico e o olhar apurado na contemplação dos resultados maiores da atividade criadora de um continente com passado de séculos de evolução sentiram-se desconfortados num meio em que a improvisação só não constitui norma quando se apresentam os casos raros de talentos de fato excepcionais. Essa circunstância e o desejo de contribuir para a evolução cultural de sua terra - pela qual nunca deixara de manter grande apreço, apesar do longo desterro involuntário - o levariam a tornar-se professor.

Ensino

Juscelino Kubitschek de Oliveira, quando prefeito de Belo Horizonte, empenhado em promover um centro de excelência cultural, atraiu para Minas Gerais Alberto da Veiga Guignard, que iniciara um ensino de arte gratuito no terraço da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro e, enquanto pôde, lecionara desenho na famosa e inovadora Universidade do Distrito Federal, criada por Anísio Teixeira em 1935 e fechada pelo governo Vargas. Ele veio para assumir o Curso Livre de Desenho e Pintura a ser implantado no Instituto de Belas Artes. A escola que então ganhou existência, perseguida por administradores municipais posteriores - incompreensivos com relação ao espírito da modernidade - foi salva graças à reação dos alunos, que protestaram contra a sua extinção. Depois de mudar sucessivamente para sedes improvisadas, o núcleo de ensino implantado por Guignard acabou sendo acolhido no esqueleto do prédio do Palácio das Artes, no Parque

Municipal, construção projetada por Oscar Niemeyer que anos a fio permaneceria interrompida. Juntaram-se ao pintor nessa fase, como assistentes, Franz Weissmann e Edith Bhering. Hoje, consagrada como estabelecimento pioneiro de formação artística em Minas Gerais, a Escola Guignard, que tem encaminhado gerações inteiras para as atividades do desenho, da pintura, da escultura, da cerâmica e da tapeçaria, ocupa espaço de especial destaque na paisagem belorizontina, estando sediada em prédio de feições arrojadas, edificado em bairro nobre, especialmente para acolhê-la.

Seus primeiros alunos hoje são mestres e alguns conquistaram inclusive prestígio fora do País: Amílcar de Castro, Mary Vieira, Jarbas Juarez, Sarah Ávila, Maria Helena Andrés, Wilde Lacerda, Mário Silésio, Estevão de Souza, Iara Tupinambá, Solange Botelho, Petrônio Bax, Marília Giannetti Torres, Heitor Coutinho, Ione Fonseca, Célia Laborne, Leda Gontijo, Jefferson Lodi, Nina Xavier, Laís Tavares, Amarilis C. Júnior.



s Gerais importou

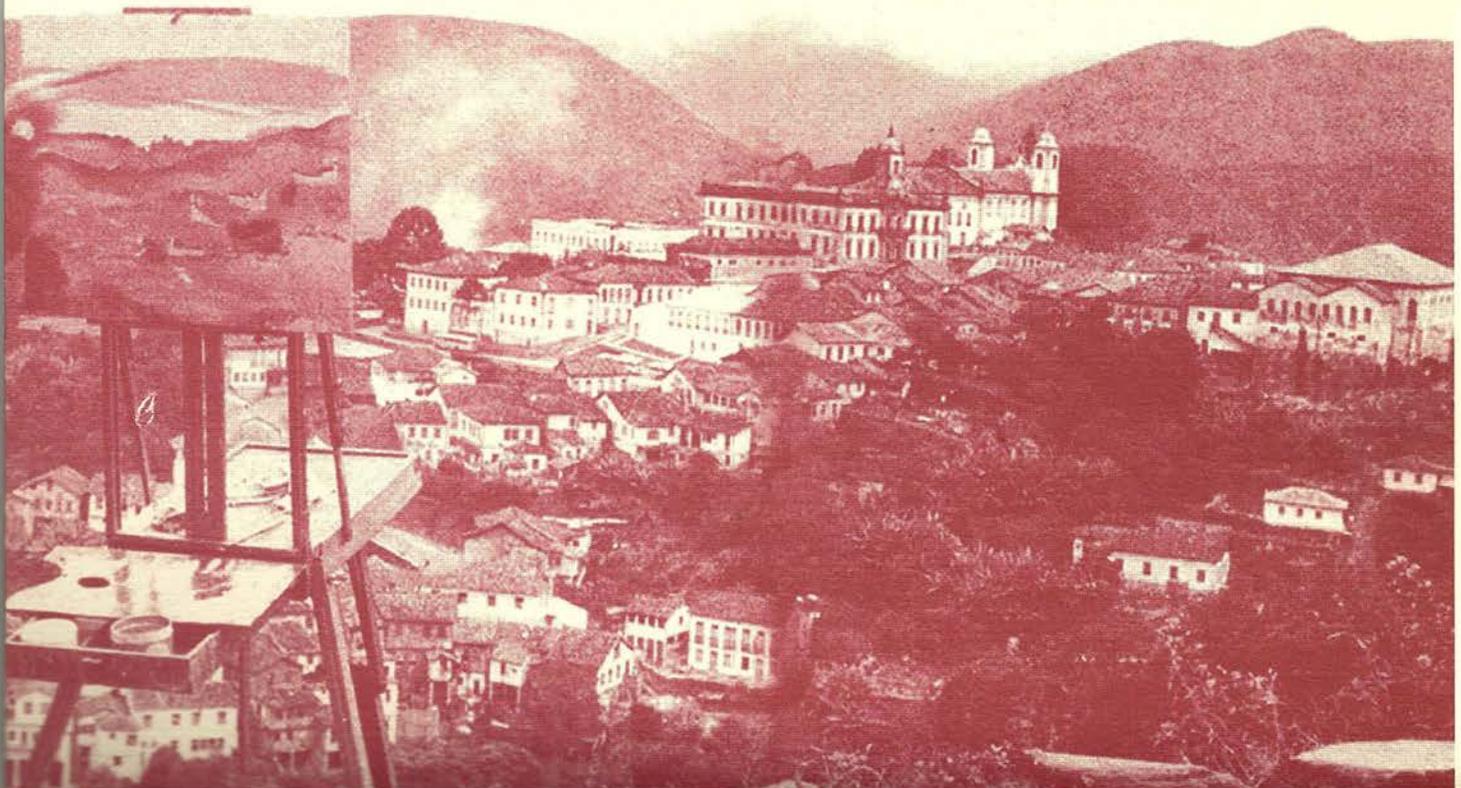
Ouro Preto

Em Minas Gerais, Guignard continuaria o processo do aperfeiçoamento da sua linguagem, que terminaria por atingir força de expressão incomum. No Parque Municipal, procuraria ampliar a sua visão transfigurada da exuberância da paisagem tropical, descoberta em primeira mão no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, personagens mineiros iam passando, em grande número, para a galeria do retratista cada vez mais excepcional, e o desenhista de traço inteligente, sutil e despojado, começava a descobrir a estrutura dos morros e vales, dos arruamentos, do casario e dos monumentos arquitetônicos das cidades históricas. No momento em que conseguiu isolar os elementos básicos da estampa urbana de uma localidade como a de Ouro Preto, Guignard foi se sentindo livre para se descartar da aparência concreta do modelo. Foi quando a imaginação se impôs como um elemento inundante de maior força.

Lirismo, magia e plasticidade entraram a comandar a invenção. As formas dos morros - às vezes do mar de morros - a procissão suspensa do casario subindo e descendo ladeiras, a ancoragem do todo em marcos arquitetônicos fundamentais passaram a recriar Minas para os mineiros. Completando essa paisagem transposta para o plano da criação mais audaciosa, com frequência se impõe um horizonte de grave tonalidade vermelho-roxa, pesada, agônica - referência persistente ao sacrifício cruento que estas plagas sofreram nos tempos da luta pela liberdade.

Ouro Preto foi o destino de glória de Alberto da Veiga Guignard. Aqui ele encontrou suporte para que a sua genialidade se expandisse até o limite do possível, aqui ele conquistou a admiração definitiva de um povo que se orgulha em possuí-lo como um dos seus criadores maiores. Aqui, no cemitério de São Francisco de Assis, para sempre ele repousa.

RUI MOURÃO



Guignard e a paisagem imaginante

A paisagem que Guignard pintou em 1947 para a Feira de Amostras de Belo Horizonte, acervo do Museu da Inconfidência e hoje exposta na Casa Museu Guignard de Ouro Preto, dá continuidade a outras, pintadas no Rio. Citamos como exemplo destas a que representa uma festa de igreja, com balões, de 1939 (col. part); duas de 1941 (painéis para a casa de Argemiro Hungria Machado); a **Noite de São João**, de 1942, adquirida pelo MOMA; a que mostra ao fundo mar e um maciço montanhoso, de 1943 (col. Fundação Cultural de Curitiba). Essas e outras obras do final dos anos 30 e do decorrer da década de 40 já configuram a irrupção do que denominamos de "paisagem imaginante" na criação guignardiana. Paisagem que se desdobrará com maior regularidade nos anos 50 até o fim da vida do artista na extraordinária série de composições onde o mestre efetiva uma desmaterialização da forma, privilegiando uma espacialidade plena, ao construir uma perspectiva mais "oriental" por oposição àquela linear, da Renascença.

Ao verdadeiro culto de Guignard pela arte dos clássicos da Renascença, somar-se-á harmoniosamente a sua vivência do expressionismo, do fovismo, do surrealismo, que na Europa ele experimentou bem de perto. Na realidade, o seu caminho artístico quer significar antes uma dinâmica, um processo, um aperfeiçoar-se contínuo, do que a conquista premeditada de originalidade. A tenacidade no trabalho, o próprio fazer vai revelando a qualidade única da sua personalidade, da sua cultura.

Porque paisagens **imaginantes**? Porque em Guignard elas são a síntese, a fusão em permanente devir da sua vivência das cidades históricas de Minas Gerais, e das montanhas de Friburgo, de Itatiaia, da Baviera, onde serrania, igrejas, grupos de pessoas em festa são transformados por ele em signos que pontuam a representação transcendente do seu olhar sobre o mundo. Somam-se a estes signos os balões das festas juninas dadas por seu pai, no tempo de sua infância no Estado do Rio.

Outro fator que deve ser considerado na elaboração das paisagens imaginantes de Guignard é a sua grande admiração por Leonardo da Vinci, entremeada de um caráter de enfrentamento na busca de uma linguagem cada vez mais própria nos últimos seis anos da vida do artista. Com relação ao seu "predecessor-pai", Leonardo, Guignard se torna enfim o "poeta forte" de que fala Harold Bloom em "A angústia da influência". A grande série dos seus trabalhos finais absorve a influência, transforma-a e projeta-a para o futuro consigo, através da originalidade da sua nova criação.

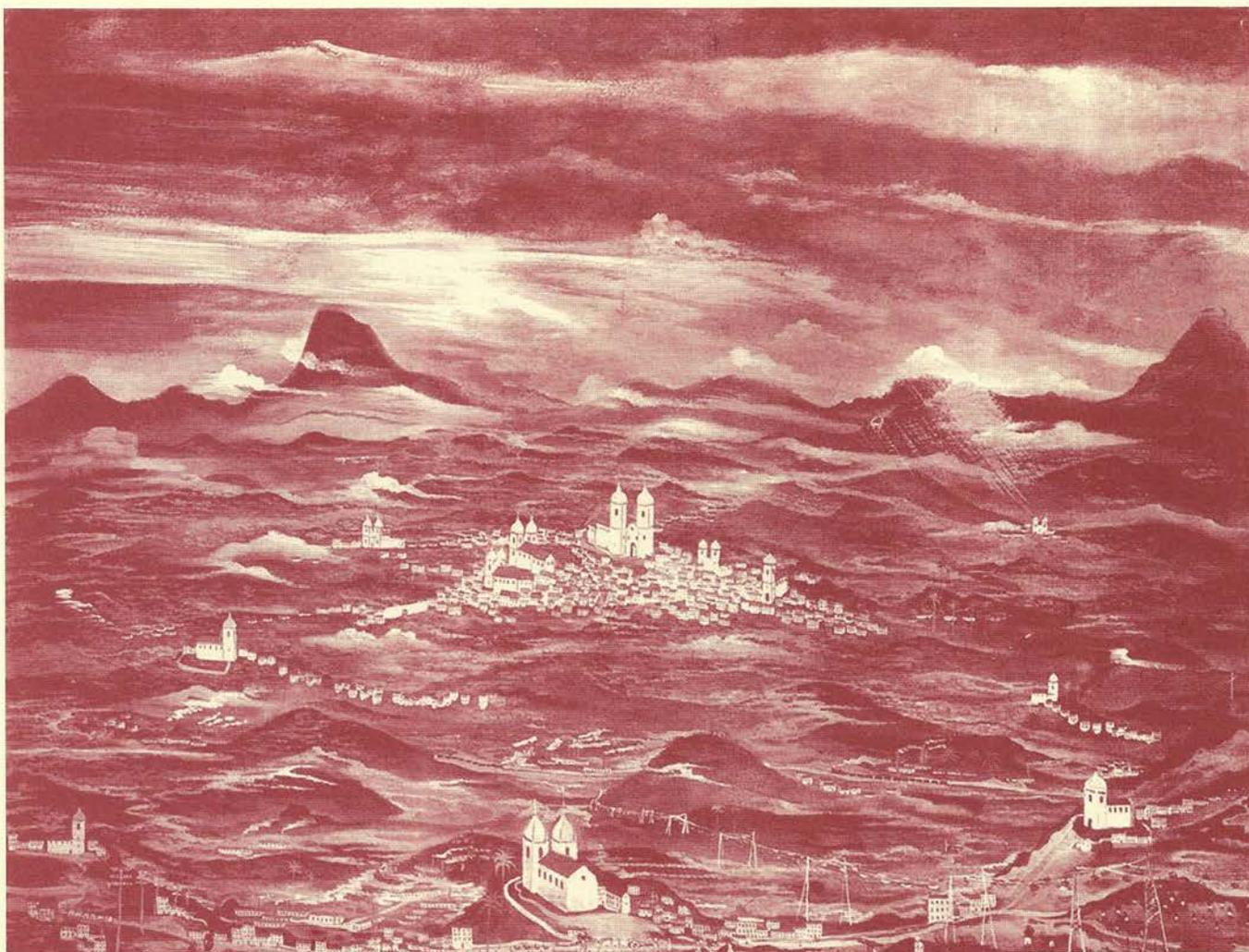
A fascinação de Guignard por Leonardo é uma constante em sua vida, desde os seus tempos de jovem estudante de arte em Munique, até os anos que precederam a sua morte, acontecida em 1962. Em 1959, ele pinta na extensa superfície de um biombo, hoje no Museu da Fundação Luiza e Oscar Americano, uma **Homenagem a Leonardo**, paisagem imaginante de montanha, vegetação, rocha. Quando volta pela última vez à Europa, em 1961, fica horas diante da **Mona Lisa** no Louvre, e em Milão vai rever a **Ceia**, cuja reprodução o acompanhou ao longo da vida, afixada nas paredes dos quartos e casas onde morou. Nessa ocasião, visita ainda o Museu de Leonardo, que lhe causa forte impressão.

Durante inúmeros anos de trabalho, Guignard constrói, de um lado, paisagens com maior referência ao real, embora antípodas da cópia - e sim plenas do desejo da cor de que nos fala Bachelard - e, de outro, as suas primeiras "imaginantes", mais esporadicamente. Na sua magistral fase final, ele evocará a realidade do mundo através da sua desmaterialização, pela obliteração da profundidade perspectivística, atingida por meio de pinceladas cada vez mais aguadas, fluidas, e distribui a cor esbranquiçada de tal maneira que a matéria das coisas se esgarça, dissolvendo a forma.

A geologia, o conhecimento formativo mesmo da natureza, científico, a que aspirou Leonardo, concretizando-o na sua representação de montanhas e rochas, bem como nas águas de sua pintura e desenho, tem seu contraponto na desmaterialização do mundo que Guignard realiza a partir do substrato montanhoso de Minas.

As paisagens "leonardescas" (adjetivo usado pelo próprio Guignard), sítios lunares despovoados, nos planos de fundo das telas de Da Vinci, agora aparecem inteiramente transformadas. Em Guignard, dá-se na paisagem, nos sete anos finais de sua pintura, a permanente e solidária presença do homem e da sua cultura, pontuada dos signos de balões, de igrejas, do encontro de pessoas em festa, de trens passando por desfiladeiros, tudo imerso em atmosfera ora baça, ora luminescente, envolvendo rochas, astros, gente.

A grande pintura feita para a Feira de Amostras de 1947 já é, como dissemos, uma paisagem imaginante. Aqui, as cidades históricas de Minas interessam bem mais o artista do que a representação de atividades ligadas à economia. Ouro Preto, que Guignard chamou de sua cidade "amor-inspiração" é o fulcro desse trabalho. Os céus são extensões dramáticas, formadas de nuvens abstratas, dispostas em faixas horizontais, com laivos expressionistas. Nesse trabalho, Guignard representou na vasta paisagem quatro fábricas com suas chaminés, redes condutoras de eletricidade, estradas. As igrejas, porém,



não só são em maior número do que as fábricas, como também tem maior presença que elas. No terço superior da composição não cessam de deslizar nuvens sobre o horizonte fechado, negro, vermelho, amarelado, verde-escuro. Vê-se até chover sobre uma vilinha à distância. Imagem já tensionada do contraponto entre a beleza tranqüila da cidade barroca e a infiltração de uma industrialização desordenada?

Também nos terços médio e inferior da paisagem perpassam incessantemente camadas tenuíssimas de nuvens de

um branco esgarçado, nuvens que nos seis anos finais da sua vida serão elemento fundamental para o artista esfumar o concreto e realçar o papel de cheios e vazios na busca da espacialidade plena tão característica da sua última fase, soma de toda a sua experiência de vida, na qual o espírito de Minas teve com certeza um peso extraordinário.

LÉLIA COELHO FROTA • ABCA/AICA

O QUE DISSERAM SOBRE NÓS

A obra de alto teor histórico e cultural realizada à frente do Museu da Inconfidência merece nossos encômios e viva admiração. Ela se completa com o excelente boletim informativo, tão bem elaborado. No nº 4, que tenho em mãos, não há como não enaltecer a significativa homenagem ao ilustre mineiro Gustavo Capanema, no centenário do seu nascimento."

ALPHONSUS DE GUIMARÃES FILHO
ESCRITOR

Agradeço o envio do Isto é Inconfidência nº 4. Excelente em todos os níveis. Parabéns a você e toda sua equipe.

CUNHA DE LEIRADELLA
ESCRITOR

Adorei receber Isto é Inconfidência, pois me transporta para Ouro Preto, para nossa arte, nossa história.

IONE MOURA BONFIM
BIBLIOTECÁRIA

Recebi, e agradeço, como diriam os latinos, ex imo corde, o envio dos boletins e da *Oficina do Inconfidência*. São impecáveis, informativos e belos. Estou encantado com a sensibilidade do texto e das ilustrações. É um trabalho magnífico! Parabéns!

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
ESCRITOR

(...) recebo agora a *Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho*, que resume o histórico da Instituição e os planos de organização do museu. Além de profundamente patriótico é um esforço heróico, nestes tempos em que vivemos!"

NASSIM CALIXTO
MÉDICO

Parabenizo V.S.^a e competente Equipe Técnica pelo lançamento da publicação *Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho*. De primoroso projeto gráfico, valorizado pela sugestiva capa reproduzindo a iconográfica visão de Ouro Preto, de Pallière (atribuição).

MARIA EMILIA MATTOS
MUSEÓLOGA

(...)venho agradecer a gentileza do oferecimento do exemplar de *Oficina do Inconfidência*, louvável e proveitosa iniciativa.

LUIZ OTÁVIO GALLOTTI
MINISTRO DO SUPREMO

Fiquei muito feliz de receber a belíssima revista *Oficina do Inconfidência*.

ALDUISIO MOREIRA DE SOUZA
ANALISTA E PROMOTOR CULTURAL

Agradeço o nº de dezembro de 1999 da preciosa *Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho*. Apresentação primorosa e um conteúdo admirável que li, reli e muito apreciei.

CÔN. JOSÉ GERALDO VIDIGAL DE CARVALHO
PROFESSOR

Maravilha! Que extraordinário! O Museu da Inconfidência está dando um salto espetacular.

IARA TUPINAMBÁ
ARTISTA PLÁSTICA

Repercussão

A exposição do barroco realizada em Paris, no Petit Palais, continua tendo grande repercussão. O Museu da Inconfidência já recebeu delegações do Museu Guggenheim, de Nova York, e do Museu de Oxford, que pretendem repetir o feito dos franceses. E duas importantes televisões, de Tóquio e de Pequim, vieram fazer completa reportagem sobre a arte colonial e o patrimônio histórico brasileiro, para a divulgação a um público de milhões de pessoas em seus países.

Autos de Devassa

O Museu da Inconfidência, com ajuda financeira do Banco de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais, editará um complemento à edição dos Autos de Devassa da Inconfidência, lançada anos atrás pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, numa iniciativa da Câmara Federal. Apresentado como o de nº XI, o volume reúne documentos que serão apresentados em primeira mão ou estão sendo republicados de maneira mais completa. O trabalho é de autoria do historiador Herculano Gomes Mathias, um dos organizadores e comentadores da edição básica.

Escultura

Luiz Philippe Carneiro de Mendonça, que esteve com bela exposição de escultura na Sala Manoel da Costa Athaide, pretende doar ao Museu a peça mais monumental - *Vitória Alada* - que na sua composição em pedra e ferro, parece ter sido criada a propósito para o jardim do Anexo I, onde ela se encontra. O artista já começou a se movimentar e espera conseguir financiamento para que a transferência de propriedade seja feita com a intermediação do PRONAC, do Ministério da Cultura.

Scliar

As últimas pinturas de Carlos Scliar, que envolvem uma reflexão sobre o Brasil, no momento das comemorações dos 500 anos, foram em parte trabalhadas sobre documentos originais, pertencentes ao arquivo histórico do Museu da Inconfidência. São obras que se vinculam à fase das colagens, sempre de grande rendimento estético e de grande persistência na carreira do artista.

Eduardo Tagliaferri

Os novos banheiros da Casa do Pilar, nosso Anexo III, foram desenhados pelo arquiteto Eduardo Tagliaferri, o autor do jardim do Anexo I, que desperta a atenção de quantos frequentam o local. Na obra atual, foi alcançado um resultado de grande leveza, em perfeita adequação com o conjunto do prédio, que é dos bons exemplares que a arquitetura colonial de Ouro Preto apresenta.

Teatro Educativo

A peça Bárbara Louca e Marília Apaixonada, originalmente para apresentação com marionetes e criado pelo Museu da Inconfidência a partir de projeto desenvolvido pelo diretor da casa em curso patrocinado pela UNESCO, na Colômbia, vem obtendo êxito além do esperado. Montada na Fundação de Arte de Ouro Preto com sucesso que não desmereceu o alcançado durante vários anos no âmbito do setor educativo do Inconfidência, ela se encontra em vias de ser trabalhada por profissionais, para apresentações de caráter permanente no teatro da cidade. Pelo menos é o que pretende Denise Coppoli, que já possui projeto aprovado pelo PRONAC, do Ministério da Cultura.

Revista

O Conselho Editorial da **Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho** ficou constituído pelos seguintes intelectuais: Caio Boschi, Ingrid Beck, Gilberto Velho, João Adolfo Hansen, Pedro Xexéu, Márcio Sampaio, Régis Duprat, Fernando Correa Dias e Lélia Coelho Frota.

Partituras

Dona Alice Ribas, de família tradicional em Ouro Preto, acaba de enriquecer o acervo do Museu com a doação de um volume grande de partituras musicais que pertenceram a seu avô, João Esteves do Sacramento, violinista, pianista e regente que animou o ambiente musical da cidade no século passado. São composições de gosto popular, importantes documentos de época.

Dona Alice é sobrinha de Honório Esteves, pintor de renome do século XIX, cujo talento foi descoberto por D. Pedro II. Em visita a Ouro Preto, impressionado com o retrato que dele fizera um aluno de grupo escolar, o Imperador decidiu encaminhar o jovem para a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, financiando-lhe os estudos.

Prêmio

Miriam Xavier Furtado, orientada pelo Museu da Inconfidência, vem desenvolvendo excelente programa de preservação em Patos de Minas, onde ocupa o cargo de Chefe da Divisão de Patrimônio Histórico da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer do município. Seu trabalho acaba de ser escolhido, a nível estadual, para disputar o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Última Passagem

Alberto da Veiga Guignard morreu em hospital em Belo Horizonte, havendo sido velado naquela cidade e em Ouro Preto. Aqui, até seguir para o cemitério da Ordem de São Francisco, o corpo ficou no Museu da Inconfidência.